

INTENCIONALIDADES FORMATIVAS DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST): O MOVIMENTO SOCIAL COMO SUJEITO EDUCATIVO NA ESCOLA DE ACAMPAMENTO

Fernando José Martins
Janaine Zdebski da Silva

Resumo: Artigo de abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios e de caráter bibliográfico e documental tem por objetivo problematizar como o MST vem se constituindo como sujeito educativo e incidindo sobre a intencionalidade formativa das escolas de acampamento de modo a construir a ocupação da escola por meio das Escolas Itinerantes. Observamos que este processo se evidencia nas Itinerantes em suas dimensões política, pedagógica, sociocultural e coletiva, por meio de contradições, desafios e potencialidades. Ao entendermos o MST como sujeito educativo que possui determinada forma organizativa conectada ao projeto de classe, indicamos a possibilidade de contribuir com as reflexões e aproximações de diferentes povos latino-americanos que tem em comum a luta contra a opressão.

Palavras-chave: MST, ocupação da escola, forma organizativa, formação política.

Formative intentionality of the movement of the rural workers without earth (MST): the social movement as an educational subject in the camping school

Abstract: Research of qualitative approach, with exploratory objectives and of bibliographic and documentary character aims to problematize as the MST has become an educational subject and focuses on the formative intentionality of the camp schools in order to build the occupation of the school through the Itinerant Schools. We evidence that this process is observed in the Itinerant in its political, pedagogical, sociocultural and collective dimensions, through contradictions, challenges and potentialities. When we understand the MST as an educational subject that has a certain organizational form connected to the class project, we indicate the possibility of contributing with the reflections and approaches of different Latin American peoples that have in common the fight against oppression.

Keywords: MST, school occupation, organizational form, political formation.

Intencionalidades formativas del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST): el movimiento social como sujeto educativo en la escuela de campamento

Resumen: Artículo de abordaje cualitativo, con objetivos exploratorios, de carácter bibliográfico y documental. Tiene por objetivos problematizar como el MST viene constituyéndose como sujeto educativo e incidendo sobre la intencionalidad formativa de las escuelas de campamento para construir la ocupación de dicha escuela por medio de las Escuelas Itinerantes. Observamos que este proceso se evidencia en las Escuelas Itinerantes sus dimensiones política, pedagógica, sociocultural y colectiva, por medio de contradicciones, desafíos y potencialidades. Entendemos el MST como sujeto educativo, que posee determinada forma organizativa conectada al proyecto de clase social, apuntamos a la posibilidad de contribuir con las reflexiones y aproximaciones de diferentes pueblos latino-americanos que tienen en común la lucha en contra la opresión.

Palabras clave: MST, ocupación de la escuela, forma organizativa, formación política.

Introdução

Este artigo se vincula as leituras e discussões estabelecidas no componente curricular Educação e Movimentos Sociais na América Latina do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. As reflexões vinculadas ao componente nos possibilitaram estabelecer o diálogo com os estudos que temos feito junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Entendemos que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vem lutando veementemente contra o capitalismo e sua violência aos povos do campo na América Latina. Neste sentido, como o próprio Movimento aponta em suas palavras de ordem “O sangue indígena também

é sangue Sem Terra”, destacamos a importância de aproximar os estudos e debates sobre os povos originários e o MST que se constitui o maior movimento social da América Latina.

Neste texto temos o objetivo de problematizar como o Movimento vem se constituindo como sujeito educativo e incidindo sobre a intencionalidade formativa das escolas de acampamento, conhecidas como Escolas Itinerantes, procedendo com a ocupação do espaço escolar (MARTINS, 2011) com o intuito de contribuir com as reflexões e aproximações de diferentes povos que tem em comum a luta contra a opressão e a perspectiva de dias melhores.

Neste sentido, estamos próximos a pesquisa de abordagem qualitativa, onde trabalhamos com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 2001). Temos objetivos exploratórios, sendo uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, onde nos utilizamos de livros, artigos, dissertações, teses e documentos internos das Escolas Itinerantes.

Para dar conta do objetivo que orientou a escrita organizamos o texto a partir de uma apresentação sobre o MST caracterizando-o como sujeito educativo, discutindo posteriormente a forma organizativa do Movimento e algumas de suas dimensões formativas para posteriormente analisarmos aspectos da organicidade do Movimento presentes na Escola Itinerante, indicando que tem se constituído a ocupação da escola pelo Movimento, desde esta ação educacional concreta. Nas Considerações Finais retomamos as principais questões que perpassaram o texto, bem como a perspectiva de projeto unitário entre os diferentes povos e trabalhadores da América Latina.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: sujeito educativo

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se constitui como o maior movimento social popular da América Latina. Dentre as bandeiras norteadoras das ações do MST estão à luta pela terra e pela Reforma Agrária como objetivos imediatos, aliados à luta pelo socialismo como objetivo estratégico, três bandeiras centrais que expressam a sua orientação política, nitidamente vinculada as bandeiras de vida digna dos povos originários da América Latina.

Dando materialidade a sua concepção de mundo e orientação política, o MST se configura como sujeito educativo. Concordamos com Caldart ao afirmar que:

o MST tem uma pedagogia, quer dizer, tem uma práxis (prática e teoria combinadas) de como se educam as pessoas, de como se faz a formação humana. A Pedagogia do Movimento Sem Terra é o jeito através do qual o Movimento vem, historicamente, formando o sujeito social de nome Sem Terra, e educando no dia a dia as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio movimento (CALDART, 2004, p. 51-52).

Nestes trinta e quatro anos de existência, ao colocar em evidência a luta de classes no campo brasileiro por meio de suas diferentes formas de luta, o MST escancara a intrínseca relação entre a questão agrária e a questão social, tão latente para analisarmos os povos latino-americanos. Neste sentido, busca denunciar o caráter classístico das relações sociais pautadas nos valores capitalistas, ao mesmo tempo em que constrói, por meio da contradição, o cultivo de valores pautados na solidariedade, no companheirismo, humildade e coletividade, dentre outros.

O processo de ocupação da terra se dá aliado ao processo de luta pela escola, desde a constituição das primeiras ocupações do MST a educação escolar se coloca como necessidade primordial. A necessidade da escola no MST passa a se configurar não apenas pelo acesso, mas a medida que a luta é travada ela se amplia não apenas para que as crianças, jovens e adultos possam frequentar a escola, mas o Movimento entende que é necessário contestar algumas questões naturalizadas no modelo educacional vigente. A medida que questiona, o Movimento passa a resistir a algumas práticas e ainda a produzir outras, pautadas em valores contrários a lógica vigente, este processo é entendido por nós como ocupação da escola, onde se ocupa, se resiste e se produz também na educação.

Dentre as experiências escolares que se constituem vinculadas ao MST, destacamos a experiência da Escola Itinerante¹.

As escolas itinerantes se caracterizam pelo seu forte vínculo com a Reforma Agrária. A escola nos acampamentos é uma ferramenta de luta, fator mobilizador de famílias para participar da ocupação, para permanecer nos acampamentos e no campo pedagógico, ela é sementeira da escola que estamos construindo. De certa forma, a escola itinerante é uma antecipação da escola do assentamento, nos seus aspectos organizativos, políticos e pedagógicos (MST, 2006, p. 140).

Por estar no espaço do acampamento e vinculada ao MST ela pode assumir características específicas. Este espaço ao qual a Itinerante se vincula pode favorecer a construção de relações sociais que visam se contrapor às relações sociais hegemônicas, pautadas no individualismo e competitividade, dentre outros, o que pode possibilitar a construção de uma escola sob outras bases, pautadas na cooperação e coletividade. Isso “não quer dizer, em hipótese alguma, que ‘naturalmente’ por estar no acampamento a escola será melhor, que esta nova forma vai surgindo. Se não houver um longo trabalho, muito estudo e ação (coletivos), ficamos na mesma” (DALMAGRO, 2010b, p. 120).

Uma das formas de internacionalizar o processo formativo da escola aliado a luta do Movimento é a partir da incorporação dos princípios do Movimento social pela escola. Isso se evidencia por meio da incorporação via escola de organismos/instâncias e práticas organizativas desde a organização local do acampamento e do MST.

Este processo que buscamos evidenciar se caracteriza pela ocupação da escola por meio do Movimento social, só é possível pela práxis educacional realizada no interior do MST que incide sobre a escola de forma intencional.

Neste artigo buscamos apresentar e analisar algumas destas práticas em construção em diferentes espaços, destacamos que atualmente o estado do Paraná conta com doze Escolas Itinerantes.

¹ A Escola Itinerante carrega esse nome devido a sua característica de movimentar-se, de ir junto com as famílias acampadas nas marchas e mobilizações das lutas do MST, essa foi a condição material possível de se construir e manter uma escola que atendesse aos acampados, uma escola em movimento, que não interrompe as aulas nos períodos de itinerância das famílias e participa das ações do Movimento.

A forma organizativa do MST: elementos estruturantes

Constatamos que os avanços da escola estão diretamente ligados ao avanço da organização do acampamento. Onde o acampamento está bem organizado, esta organização se reflete na escola (MST, 2006, p. 1).

O acampamento do MST tem por característica, ser organizado em setores e instâncias que se constituem em espaços de decisão coletiva e envolvem todas as dimensões da vida no acampamento: saúde, escola, disciplina, produção, etc. Esta forma de organização² exemplifica o Princípio da Direção Coletiva do MST³. Um dos documentos dos Setores de Produção, Cooperação, Meio Ambiente e do Setor de Formação afirma que, desde o início do Movimento,

tínhamos como certo que não podíamos ter um presidente e que a direção deveria ser exercida de forma coletiva por um grupo de dirigentes. Estes, após serem escolhidos nos encontros, deveriam dividir entre si as tarefas.

Acontece que o Movimento cresceu e o conteúdo do princípio da “Direção Coletiva” ficou insuficiente. Logo, mesmo que não tenhamos um presidente que decide tudo, mas se um grupo concentra as decisões, significa que a grande maioria dos membros que pertencem ao Movimento ficam de fora das discussões e muitas vezes não sabem o que está acontecendo, como se não fizessem parte desta organização.

Desta forma percebemos que a única forma de termos de fato uma direção coletiva é se as famílias assentadas e acampadas estiverem organizadas em núcleos e possam discutir os problemas enviando sugestões para a direção (MST, 2005, p. 82).

O núcleo pelo qual as famílias se organizam é chamado de Núcleo de Base, e não deve ser entendido apenas como uma estrutura formal, mas um coletivo de famílias que existe para possibilitar e ampliar a gestão democrática. É um espaço de construção da participação e do poder popular, em que se “analisa as demandas, elabora e aprofunda as propostas, participa de elaboração e implementação de estratégias” (MST, 2008, p. 63).

Outro princípio organizativo do MST que interfere na organização do acampamento e da Escola Itinerante é o princípio da divisão de tarefas. Este princípio aponta que todos devem assumir sua parte na aplicação das tarefas definidas, valorizando a participação e evitando a centralização, em que “a decisão é coletiva, mas a responsabilidade é individual” (MST, 2008, p. 65). A divisão de tarefas permite que as pessoas, ao assumirem responsabilidades específicas, se tornem parte deste todo, que é o Movimento, e também possibilita que a organização cresça na medida em que cada um contribui de acordo com sua formação profissional e pessoal.

Além dos Núcleos de Base,

As famílias também se organizam por setores para encaminharem tarefas específicas. Setores como Produção, Saúde, Gênero, Comunicação, Educação,

² Essa forma de organização que apresentamos como sendo característica do acampamento também está presente nos assentamentos e em outros espaços organizados pelo MST, já que esta forma organizativa é quase sempre presente nas atividades do MST.

³ Os princípios do MST aos quais fazemos referência são: direção coletiva, divisão de tarefas, estudo, formação de quadros, luta de massas, vinculação com a base (STEDILE; FERNANDES, 2005) planejamento, disciplina consciente e processos de avaliação (PIZETTA, 2000). Princípios, que não se esgotam nesta listagem e que também não são pensados de forma separada e fragmentada, mas apontam na mesma direção, estão vinculados a objetivos mais amplos de organização do Movimento e de formação de seus militantes visando a transformação social.

Juventude, Finanças, Direitos Humanos [...], [Estes setores] são organizados desde o nível local até nacionalmente, de acordo com a necessidade e a demanda de cada assentamento, acampamento ou estado (MST, 2009, p. 1).

Os setores são espaços de atuação dos militantes para planejamento e execução de trabalhos vinculados a cada área. Eles foram criados na medida em que o MST foi crescendo e passaram a demandar um maior número de pessoas com conhecimentos específicos, de acordo com a exigência de cada setor.

Esta forma organizativa que o Movimento assume prezando os espaços de organização coletivos possibilita ampliar a participação e formação de militantes em nível local e articular e organizar, em nível nacional, os diversos processos de luta localizados.

Entendemos que o conceito chave que perpassa a ação dos militantes, que está presente desde os princípios e as estruturas organizativas, e que nos ajuda a entender as relações que se passam na dinâmica organizativa do Movimento, é o conceito de organicidade, usado para definir a relação entre cada um (sujeito) e as partes do todo (Movimento). A organicidade,

É a dinâmica que possibilita a existência do Movimento enquanto organização social [...] Para construir a organicidade se faz necessário: ampliar a participação, elevar o nível de consciência, formar militantes, com o objetivo de envolver, de forma consciente, o conjunto das pessoas pertencentes ao Movimento em suas discussões, ações e decisões. A organicidade existe quando todos se envolvem na tomada de decisões e ações de maneira consciente e crescentemente participativa (MST; SEED, 2009, p. 25).

No Movimento, a organicidade é o elemento fundamental para que as bases possam participar. É a relação que deve ter uma parte com a outra da mesma organização, em que a organização coletiva é o elemento central. Neste sentido, concordamos com a compreensão de Caldart acerca da organicidade:

A expressão *organicidade* indica no Movimento o processo através do qual uma determinada idéia ou tomada de decisão consegue percorrer de forma ágil e sincronizada o conjunto das instâncias que constituem a organização, desde o *núcleo de base* de cada acampamento e assentamento até a direção nacional do MST, em uma combinação permanente de *movimentos ascendentes* e *descendentes* capazes de garantir a participação efetiva de todos na condução da luta em suas diversas dimensões (CALDART, 2004, p. 252).

A luta de classes vinculada à perspectiva do coletivo é uma questão central do MST, que se expressa desde as formas de organização da luta, da gestão do Movimento, do que chamam organicidade até a proposta de educação, que tem em vista a formação de um homem cujas referências políticas, morais, éticas sejam opostas da meritocracia liberal.

Segundo Caldart,

a construção da organicidade é considerada uma tarefa fundamental em cada um dos setores, instâncias ou frentes de atuação. Um desafio que é permanente, dada a progressiva complexidade de uma estrutura organizativa de caráter nacional e popular, e que contradiz em sua lógica a tradição cultural de isolamento, de não participação política (CALDART, 2004, p. 253).

Assim, conforme Caldart (2004), o Movimento se configura como sujeito educativo, é pedagógico e educa na perspectiva da luta que, ao estabelecer novas relações sociais, produz novos seres sociais, como resultado de relações que passam a se estabelecer ao largo da lógica meritocrática e de mercado, e são, ao contrário daquela, fortemente marcadas pela cooperação e pela coletividade, possibilitando formar, assim, novos sujeitos, e construir novos valores e projetos contrários a lógica capitalista que toma continente latino-americano a partir do desenvolvimento deste modo de produção.

O MST e sua organicidade: aspectos presentes na Escola Itinerante

A Escola Itinerante que ora apresentamos [...] não existe em nenhum lugar na sua totalidade, mas os seus principais aspectos estão presentes e em funcionamento em muitos lugares (MST, 1999, p. 199).

A organicidade é, ao mesmo tempo, um método de organização e um espaço formativo próprio do MST e se desenvolve em suas instâncias de organização. Portanto, como vimos, desenvolve-se também no acampamento, e por isso acaba incidindo na Escola Itinerante, na sua forma de se fazer escola, de organizar o trabalho pedagógico, a gestão escolar, etc.

Esta organicidade se pauta na coletividade, desta forma, está na direção contrária da lógica capitalista hegemônica que prima pelo individualismo. Na escola, estas práticas coletivas acabam construindo uma nova configuração das práticas escolares. Buscaremos apontar algumas destas relações que incidem e orientam as práticas escolares.

A Itinerante articula o funcionamento da escola aos instrumentos de luta do Movimento, como acontece, por exemplo, durante a itinerância da escola nas marchas e mobilizações. A escola se vincula à organização do acampamento, às suas instâncias de decisão.

De acordo com Mariano,

A Escola Itinerante insere-se como instrumento educativo na estrutura orgânica do acampamento, num movimento pedagógico e interativo constante entre escola e acampamento e, nestes três grandes espaços [NBs, Setores e Brigadas], perpassam discussões em relação ao tema gerador, conteúdos e práticas educativas inerentes à escola. Esse movimento induz a comunidade aos exercícios de avaliação e de proposição dos rumos a serem tomados na escola e no acampamento (MARIANO, 2008, p. 26).

Na organização interna das turmas, pode-se visualizar, em menor escala, a reprodução da forma organizativa do Movimento em consonância com os Princípios do MST. Sublinhamos que a existência desta organização no interior da escola pode se dar de maneira mais ou menos complexa, dependendo da organização do acampamento ao qual pertence. Isabela Camini (2009), em seu livro *Escola Itinerante na fronteira de uma nova escola*, traz um excerto de um texto interno da Escola Itinerante Zumbi dos Palmares, que demonstra como se constitui esta organização na escola:

A organização de base, na Escola, são os núcleos de base. São os educandos de cada sala de aula (Coletivo de Educandos) que devem ser desafiados a se auto-organizar. Após se conhecerem e levantar critérios, se distribuem em núcleos de base, tendo cinco a sete participantes em cada um. É fundamental que todos estejam em um dos núcleos de base. Cada núcleo escolhe um nome de um lutador

ou lutadora para dar nome ao NB e um menino e uma menina para serem os coordenadores do núcleo. Estes que terão a função de coordenar em vista da participação de todos e de representação nas demais instâncias, jamais devem agir como se fossem donos ou presidentes dos seus núcleos (DOCUMENTO INTERNO DA ESCOLA ITINERANTE ZUMBI DOS PALMARES apud CAMINI, 2009, p. 229).

Assim como no acampamento, os núcleos de educandos também fazem reuniões, em que discutem questões como as normas da escola, a limpeza, a rotatividade de Núcleos de Base (NBs) para auxiliar na entrega da merenda, no embelezamento dos espaços coletivos, na horta escolar, na conversa sobre o comportamento dos educandos e nas proposições de como melhorar o ambiente escolar. As discussões mais importantes, ou as quais cabem ser mais amplamente discutidas, são levadas para a coordenação da escola. O NB também se reúne durante as aulas para estudos em grupo, o que ajuda no aprendizado e na realização das tarefas escolares.

Esta maneira de pensar e organizar a escola visa se contrapor à estrutura de poder, muitas vezes presente nas escolas, onde uns comandam e os outros se submetem, e suas decorrências formativas: a passividade, acriticidade e ausência de participação nos rumos da escola (DALMAGRO, 2010a, p. 89). Esta forma de gestão da escola visa assegurar espaços de organização e participação dos educandos, que desde cedo assumem responsabilidades e vão se inserindo na organização coletiva.

Este processo do Movimento intencionalizar processos formativos na escola é categorizado por Martins (2009) como um processo de ocupação da escola por parte do Movimento, a ocupação da escola é uma categoria ampla que:

Incide em toda organização do trabalho pedagógico da escola. [...] a ocupação da escola não se faz distinta da ocupação da terra, o que, em última instância, nomeia-se de um projeto de sociedade, abrangendo uma totalidade de categorias, educativas, políticas, sociais e culturais, que solidificam a articulação entre os espaços escolares e sociais (MARTINS, 2009, p. 14).

Neste sentido, nesta configuração escolar não apenas o conhecimento é primordial, mas também a vivência de novas relações sociais no interior deste espaço, constituindo o caráter de formação mais ampla, com caráter político, pedagógico, sociocultural e coletivo.

Outra célula organizativa tem se construído pautada nos princípios do MST, bem como nas experiências da Pedagogia Socialista Soviética. A constituição de Núcleos Setoriais como células organizativas que se caracterizam pela composição de grupos de estudantes em grupos de diferentes turmas, auto-organizados com tarefas específicas em cada setor da escola, o que tem se mostrado bastante enriquecedora.

Evidencia-se a constituição dos núcleos setoriais nas Escolas Itinerantes Memória, Cultura e Comunicação, Apoio ao Ensino, Finanças e Estrutura, Embelezamento, Saúde e Bem-estar star e Agrícola. Os Núcleos Setoriais como células organizativas da escola objetivando

acionar dimensões da formação dos estudantes em, pelo menos, três dimensões: primeiro, a inserção sistemática na participação política da vida escolar, contribuindo nas tomadas de decisões e no rumo da escola; segundo, ambiente em que exercitam a organização coletiva a partir do objeto específico de trabalho do núcleo

setorial; e o terceiro é a apropriação dos fundamentos científicos do objeto de trabalho exercitado ou a ser exercitado (LEITE, 2017, p. 208-209).

Outro elemento que cabe ser ressaltado é o acompanhamento pedagógico às escolas, que se constitui como

um espaço-tempo em que se realiza o trabalho de mediação pedagógica entre educadores, coordenação pedagógica, direção, conselho escolar, assessorias e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, tanto nos momentos de formação como nos momentos do cotidiano escolar (CCEISS, 2009, p. 56).

Esse acompanhamento vem se realizando no Paraná, prioritariamente nas Escolas Itinerantes e na Escola-Base⁴. O Boletim da Educação n. 8, “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”, assim apresenta esta tarefa:

O acompanhamento às escolas dos assentamentos e acampamentos é uma tarefa de origem do Setor de educação do MST. Acompanhamento político e organizativo, e acompanhamento pedagógico para garantir que as escolas não percam o vínculo com o Movimento, e realizem um projeto educativo coerente com a realidade dos Sem Terra, e com os valores construídos em sua organização (MST, 2001, p. 245).

Entendemos que este espaço tem importância notória porque expressa a autonomia do Movimento na orientação pedagógica da escola. É um momento de formação caracterizado pelo acompanhamento das escolas realizado pelos assessores/militantes do Setor de Educação (estadual ou nacional), com maior experiência e caminhada na educação do Movimento. São feitas visitas periódicas visando potencializar o trabalho pedagógico realizado em consonância com a proposta do Movimento, com a intencionalidade formativa do mesmo.

Estas visitas⁵ se dão durante todo o ano escolar, inclusive nos planejamentos coletivos, nas semanas pedagógicas e, mais individualmente, a partir da observação nas turmas. Juntamente com a coordenação e com a direção da escola, o acompanhamento pedagógico também tem por função dar unidade no trabalho desenvolvido na escola, pois, um dos maiores problemas nas Itinerantes é a rotatividade dos educadores, o que acaba dificultando a continuidade do trabalho.

Considerações finais

Como se pode observar, a partir das características que assume, a Itinerante acaba mexendo com a postura dos educadores, dos educandos e da comunidade acampada se manifestando como ocupação, resistência e produção também na educação e na escola.

Neste sentido, reiteramos a afirmação anterior, que a EI pode assumir características específicas, por estar no acampamento e vinculada ao MST, e que essas características podem ser visualizadas nas dimensões política, sociocultural, coletiva e pedagógica como aponta Martins (2009).

⁴ As Escolas-Base são escolas de assentamento que se caracterizam por serem as responsáveis legais pela documentação das Escolas Itinerantes do Paraná, atualmente temos apenas uma, a Escola Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, localizada em Rio Bonito do Iguazu PR, no Assentamento Marcos Freire.

⁵ Informações obtidas junto ao Setor de Educação do MST/PR em dezembro de 2012.

Apontamos que na dimensão política se evidencia a própria compreensão do direito a educação e da luta pelo acesso a escola no lugar onde se vive, nesta dimensão ainda se explicita a questão legal das Escolas Itinerantes que se vinculam com a Escola-Base para continuarem existindo na sua itinerância, por vezes necessárias. A dimensão pedagógica se expressa pela vinculação com a organização do Movimento e suas lutas pela terra, pelas melhores condições de vida e pela transformação social, construindo novos valores. O acompanhamento pedagógico feito pelo Movimento visando qualificar as práticas escolares de acordo com sua proposta, expressando certa autonomia pedagógica também ganha destaque nesta dimensão. Ressaltamos ainda, a orientação de classe, pois há o entendimento de que a luta que se faz não é apenas pela terra ou pela escola, mas estas são expressões da luta de classes.

Na dimensão sociocultural se evidencia o vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, esta dimensão está bastante atrelada a construção da identidade Sem Terra e se expressa por meio das relações estabelecidas com as instancias e setores dos acampamentos, onde a relação escola-comunidade se consolida.

Na dimensão coletiva se identifica que as Escolas Itinerantes primam por espaços de participação coletiva, sublinha-se ainda a construção coletiva das escolas, a auto-gestão e construção da autonomia, o desenvolvimento de valores coletivos como se expressa na organização das escolas através dos Tempos Educativos e Núcleos Setoriais e ainda pela auto-organização dos educandos, por meio de NB's e equipes/setores de trabalho.

À guisa de conclusão cabe a ponderação de que nenhuma destas dimensões explicitadas se efetiva de forma isolada, mas se configuram como um processo onde as dimensões estão sempre entrelaçadas, de modo que o pedagógico é sempre político, por exemplo. Neste sentido a ocupação das Escolas Itinerantes pelo Movimento se constitui como uma ação pedagógica, política, sociocultural e coletiva que educa para a perspectiva da classe trabalhadora.

Concordamos com Dalmagro (2010a, p. 270) ao afirmar que a potencialidade da escola no MST está na compreensão da necessidade de mudar a escola de maneira articulada às mudanças estruturais na sociedade.

Entendemos que a Escola Itinerante, vem se mostrando um importante espaço que possibilita reflexões sobre a resistência e enfrentamento às relações sociais e econômicas que sustentam e dão fôlego ao modo de produção capitalista. Ao mesmo tempo em que às questiona, o Movimento busca construir outras relações sociais e econômicas pautadas, sobretudo, em práticas coletivistas aliadas à sua orientação de classe.

Compreendemos que o Movimento intencionaliza o caráter político da escola:

O MST incorporou a escola em sua dinâmica [...] acampamento e assentamento do MST tem que ter escola; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação de seus sujeitos (CALDART, 2009, p. 145-146).

A possibilidade de refletir sobre o maior movimento social popular da América Latina e de sua experiência escolar, ambos na perspectiva contra hegemônica se coloca na ordem do dia quando

pensamos na necessária unidade entre os oprimidos da América Latina. Se debruçar sobre o que o MST produz e constrói em termos de negação do capitalismo e sua lógica opressora e desumana é fundamental para avançarmos na luta coletiva pela garantia do direito à vida digna aos povos originários e aos trabalhadores em geral, que tem em comum a luta contra o atual estado das coisas.

Continente de revoluções e de contra-revoluções, a América Latina padece de pensamentos estratégicos que orientem processos políticos tão ricos e diversificados, à altura dos desafios que enfrenta (SADER, 2009, p. 93).

Referências

- CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- _____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.
- CAMINI, Isabela. *Escola Itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto a escola capitalista?* 254f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- CCEISS, COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO IRACI SALETE STROZAK. *Projeto político pedagógico*, Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Normal. Rio Bonito do Iguçu, 2009.
- DALMAGRO, Sandra Luciana. *A escola no contexto das lutas do MST*. 235f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010a.
- _____. Escola Itinerante: do árduo ao belo. In: MST, Setor de Educação (SEED/PR), Coordenação da Educação do Campo. *A escola da luta pela terra: a escola itinerante nos estados do RS, PR, SC, AL e PI*. Ano III, n. 5, Curitiba, 2010b. Cadernos da Escola Itinerante – MST, p. 111-124 (Mimeografado).
- LEITE, Valter de Jesus. *Educação do campo e ensaios da escola do trabalho: a materialização do trabalho como princípio educativo na escola itinerante do MST Paraná*. 305f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estadual do Oeste do Paraná. Universidade do Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2017.
- MARIANO, Alessandro dos Santos. *Escola Itinerante do MST: uma ferramenta de luta e emancipação dos trabalhadores sem terra*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2008.
- MARTINS, Fernando José. *Ocupação da escola: uma categoria em construção*. 282f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- _____. *Ocupação da Escola: uma categoria em construção*. Cascavel: Edunioeste, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Setor de Educação; SEED/PR, Coordenação da Educação do Campo. *Pedagogia que se constrói na itinerância: orientações aos educadores*. Cadernos da Escola Itinerante – MST, Ano II, n. 4, Curitiba, nov. 2009 (Mimeografado).
- MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Balanço e perspectivas dos 10 anos da Escola Itinerante dos acampamentos do MST. Curitiba, 2006. In: MST; SEED/PR, Coordenação da Educação do Campo. *A escola da luta pela terra: a escola itinerante nos estados do RS, PR, SC, AL e PI*. Cadernos da Escola Itinerante – MST. Ano III, n. 5, p. 140-143, Curitiba, mar. 2010 (Mimeografado).
- MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Como fazemos a escola de educação fundamental. Caderno de Educação n. 9. 1999. In: ITERRA, Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. *Dossiê MST Escola: Documentos e estudos 1990-2001*. Veranópolis, ago. 2005.
- MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Organização: entenda como estamos organizados*. 2009. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/taxonomy/term/330> >. Acesso em: 29 jan. 2012.
- MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas*. 2001. In: ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. *Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001*. Veranópolis: ITERRA, 2005, p. 235-263.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Princípios da Educação no MST. Caderno de Educação n. 8, 1996. In: ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. *Dossiê MST Escola: documentos e estudos 1990-2001*. Veranópolis: ITERRA, 2005.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Programa de Formação para a Cooperação e Organização dos Assentamentos*. Cartilha de Apoio 2. Secretaria Nacional do MST. São Paulo, 2008.

PIZETTA, Adelar João. Vícios e desvios político-organizativos: origens, implicações e mecanismos para combatê-los, 2000. In: MST – Setor de Formação. *Método de trabalho de base e organização popular*. Secretaria Nacional do MST, 2009.

SADER, Emir. *A nova toupeira*. São Paulo: Boitempo, 2009.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

Recebido em: jul. 2018.

Aceito em: ago. 2018.

Fernando José Martins: Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente no Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fernandopedagogia2000@yahoo.com.br

Janaine Zdebski da Silva: Doutoranda no Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu. Docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: janainezs@yahoo.com.br